

Soja – so nein!?
Handlungsperspektiven für einen nachhaltigen Sojahandel
Tagung der Evangelischen Loccum vom 6. bis 8. November 2002

Soja na perspectiva das relações internacionais.

Luc Vankrunkelsven

Bom dia,
Sou Flamengo, Belga e estou morando na Europa... Podia esperar que fizesse esta fala em alemão. Mas preciso admitir que, a partir das nossas atividades de intercambio entre Brasil e Flandres, tenho mais facilidade de me expressar em português. Os meus conhecimentos de alemão, eu adquiri durante os três anos de ensino médio aonde tivemos semanalmente uma única aula de estudo da língua alemã. Desculpe-me que necessito me comunicar em português, aqui na Alemanha. Me desculpem também os brasileiros porque necessito ler esta palestra, coisa que não é do meu costume na minha língua materna.

No período limitado que me foi dado gostaria de abordar três aspectos:

- mesmo soja não sendo um cereal, vou tratar a história de soja dentro de um contexto da história mundial de cereais que iniciou no século 19;
- vou focar especialmente o impacto de uma decisão política de 1962 da Organização Mundial do Comercio;
- a partir do consumo de soja e carnes vou olhar a pegada ecológica e isto especialmente à luz das evoluções recentes na China.

Estes 3 pontos serão analisados a partir do ponto de vista de um consumidor europeu de carne.

Trigo e a colonização do Farwest (Região Oeste dos USA).

Depois da grande crise da batatinha na Europa (murchadeira), na primeira metade do século 19, os italianos, alemães e outros colonizadores saíram para o Brasil e outros países latino-americanos. Principalmente os irlandeses imigraram para os estados Unidos. Assim meadas do século 19, os imigrantes provocaram enorme desmatamento nos USA. A fronteira agrícola avançou rapidamente para o oeste, assim como hoje no Brasil, por influencia da revolução verde, ela avança para a região norte, destruindo a Mata Amazônica.

Relacionado a invenção do trem e do barco a vapor, desde 1850 iniciou-se um crescente comercio de algodão, trigo e outros produtos em direção à Europa. Os produtores americanos se tornaram dependentes de transporte ferroviário e marítimo. A maior parte da rede ferroviária e dos portos estava nas mãos das empresas comerciais de cereais, como por exemplo, Cargill. Os produtores não tinham e não tem até hoje influencia sobre os preços. Foi justamente naquela época que surgiram as "empresas familiares" como

Cargill. Essas empresas que se beneficiaram com o comércio dos cereais. Eram principalmente cinco empresas que até hoje dominam o comércio de cereais. Cargill encabeçando a lista. A empresa domina hoje a maior parte do comércio de cereais, polpa de laranja, café, etc. Em países como o Brasil eles também são o maior comprador de soja. A empresa se auto classifica como familiar e não tem ações na bolsa de valores. A partir da euforia do 'Novo Mundo' cresceu a partir do século 19 o sentimento quase religioso que os USA teriam a vocação de alimentar o mundo com seus cereais. Sempre foi mais barato produzir cereais nos USA que na Europa, incluindo o transporte. A prática de DUMPING de cereais americanos e do trigo da Ucrânia provocou a quebra de milhões de produtores rurais na Europa na segunda metade do século 19. Isto era interessante para os governos liberais daquela época que necessitavam mão de obra barata para o processo de industrialização, bem como de alimentação barata para a população. Foi a partir desta crise que surgiram várias organizações de agricultores na Europa.

A inclusão da agricultura no pensamento industrial

O final do século 19 se incluiu cada vez mais a agricultura no sistema industrial. Agricultura poderia se comparar às atividades minaria, retirar cada vez mais da terra. O processo da quimicalização da agricultura tem um peso importante neste processo. O período em torno de 1920 é crucial neste processo por causa do desenvolvimento dos F1-híbridos. Por volta de 1935 eles dominam a agricultura nos USA. Principalmente na produção de milho isto terá grandes conseqüências. Os produtores também se tornaram dependentes de forças externas para os insumos (sementes, defensivos, etc). Após a segunda guerra mundial, Europa recebeu como imposição o Plano Marshall.

Este Plano Marshall incluiu:

1. Envio de alimentos a partir dos USA, porque existia fome. Assim os USA conseguiram colocar seus cereais no mercado europeu.
2. Moratória da dívida dos anos 30 e da guerra. Nota a diferença com as dívidas dos países do terceiro mundo hoje.
3. Europa recebeu 16 bilhões de US dólar (valor daquela época) para reconstruir sua economia. Um setor importante desta economia será a agricultura.

Pax Americana: 1955

Enquanto a Europa conseguiu desenvolver sua agricultura, a situação está sendo bem diferente nos países do terceiro Mundo. Decisões importantes sobre a agricultura nos USA muitas vezes são tomadas em função do câmbio do dólar. Numa situação de valorização do dólar, existe a dificuldade de colocar seus cereais no mercado mundial. Isto aconteceu em 1955. Tomou-se a decisão de deixar descansar as terras ('set aside programma'), mas ao mesmo tempo se iniciou um programa de ajuda alimentar. Este programa se chama "Food for Peace", Alimentos para a Paz. Ainda está em andamento. De propósito se modificam os costumes e gostos alimentares das populações do Sul, de milho e mandioca, entre outros, para o trigo e o pão doce das regiões nórdicas. Esta situação dos costumes/gostos alimentares, para muitos países se tornou um conflito antropológico e será dificilmente reversível.

Primeiramente se oferece ajuda alimentar, depois se vende o produto a preços baixos e finalmente, os países devem adquirir os cereais no mercado mundial. Os preços mundiais são relativamente baixos, mas ainda muito alto para os países que necessitam alimentar suas populações e que se tornaram estruturalmente dependentes do trigo. E não tem produção própria. O grande

potencial de votos destes governos se encontra nas cidades, enquanto o êxodo rural continua. Os produtores rurais, com seus produtos regionais, encontram dificuldades para entrarem em concorrência com os cereais baratos dos USA e desde os anos 80, também com os cereais subsidiados da Europa. Num primeiro momento estas populações rurais migram para os centros urbanos e eventualmente, num segundo momento, se refugiam como refugiado econômico nos países do Norte.

Assim se impõe a Pax Americana através do trigo o que pode ser comparada com a Pax Romana de 2000 anos atrás. Naquela época também se usou "o pão e os jogos" no processo de opressão.

Detalhe picante: o programa 'Food for Peace' faz parte do Departamento de Relações exteriores e fica sob a responsabilidade direta do presidente.

Não faz parte do ministério da agricultura ou comércio. Assim podemos entender como se use os cereais como arma na política exterior.

Nesta tradição que tem raízes no século 19, o presidente Ronald Reagan em 1981 declarou: "Vamos conquistar o mundo, não com armas nucleares, mas com os nossos cereais".

Soja, GATT/WTO em 1962.

Ao lado de trigo, os interesses dos USA para soja são enormes. Existe uma relação entre ambos. O acordo do GATT - acordo da rodada de Dillon (1960-1961) é um marco importante. Trata-se de um acordo entre a USA e o Mercado Comum Europeu que naquela época estava estruturando sua política agrícola. Os USA aceitaram a política de preços e mercados da Europa, com a condição da Europa importar os glúten de milho, soja e farelo de soja: 1. sem taxas e 2. sem quota.

Esta história iniciou em 1 de janeiro de 1962. Assim a Europa "festeja" este ano 40 anos de 'Gat de Rotterdam', o porto por onde entra a maior parte das rações animais. Por causa desta única decisão surgiram muitos problemas sociais e ambientais tanto no Norte como no Sul. Infelizmente não posso me estender sobre isto. Mas o cumulo da loucura aconteceu em 1992 quando mais de 50 milhões de toneladas de substitutos de cereais entraram na Europa através do porto de Rotterdam, Antuérpia, Zeebrugge e Le Havre. Ao mesmo tempo, Europa, usando bilhões de subsídios agrícolas, colocou 40 milhões de toneladas de cereais no mercado mundial. Pax Européia através dos cereais europeus entrou desde os anos '80 em guerra com a "paz" Americana.

A partir da reforma agrícola em 1992, a história se modificou. A importação de substitutos de cereais continua crescendo, mas a exportação de trigo se estabilizou em torno de 40 milhões de toneladas, ainda usando os subsídios. Assim a Europa importa atualmente 14 milhões de toneladas de soja que está sendo transformada em 3 milhões de toneladas de óleo de soja e 11 milhões de farelo de soja. Além disto, Europa ainda importa mais 14 milhões de toneladas de farelo de soja. Tudo isto está sendo usado para rações animais.

Podemos afirmar que existe um tráfico entre as "portas" no Norte e as "portas", os portos, no Sul.

2002

PORTAS NO NORTE (= PORTOS DA EUROPA)
ENTRADA DE MAIS DE 50 MILHÕES DE TONELADAS
DE SUBSTITUTOS DE CEREAIS

USA

PORTAS NO SUL (=PORTOS + MEGA-CIDADES)
EXPORTAÇÃO (DUMPING) DA EUROPA DE 40 MILHÕES DE TONELADAS
DE CEREAIS

Do Sul para o Norte, bem como da América do Norte para Europa, são transportadas as matérias primas baratas para as rações animais. Ao mesmo tempo, as populações das mega-cidades do Sul, se alimentam com os cereais baratos do Norte. Depois dos USA e Canadá, nos anos 70 o Brasil com sua soja, Senegal com amendoim(farelo), Tailândia com tapioca e a farinha de peixe se juntaram a este grupo. Por causa da doença da vaca louca, a demanda por soja está crescente. As farinhas de carnes e de ossos são proibidos na Europa a partir do dia 1 de janeiro de 2001 e são substituídos por proteínas vegetais. Como consequência imediata, em 2002 cresceu a produção de soja no Brasil com 7 % , cobrindo uma área de 41,5 milhões de ha. Na Argentina cresceu com 5,7 % , 28,75 milhões de ha. O comercio de cereais e de substitutos de cereais está em mãos de cinco grandes empresas, encabeçadas pela Cargill.

Pegada Ecológica

Os últimos anos, a exportação de soja do Brasil para a Europa e Japão, se expandiu também para o mercado chinês. Trata-se de um mercado consumidor de 1,3 bilhão de pessoas (1/5 da população mundial). Hoje, na China, o consumo anual médio por pessoa está em 38 kg. Quinze anos atrás os chineses comiam 10-15 kg de carne! Compare isto com os 95kg na Bélgica e os 94 kg. na Alemanha. Para os americanos isto está em 108 kg de carnes por ano. Ainda preciso fazer um desenho de que isto vai trazer de pegada ecológica? Para 6 bilhões de pessoas, hoje existe uma área de 1,92 ha por pessoa para suprir todas suas necessidades. Um belga hoje necessita de 6,5 ha, o americano de 12,3 ha, o indiano de 0,8 ha. ... Carne e o carro particular são os símbolos do estilo de vida ocidental. Porque os chineses e os quase 1 bilhão de indianos(que até pouco tempo atrás eram vegetarianos) não podem comer uma quantidade de carne igual ao europeus?

O consumo de frutas, nozes e verduras necessita bem menos terras. Cereais e pão, 7 vezes mais terra. Consumo de carnes normal, 25 vezes mais terra que frutas e verduras.

A produção orgânica de cereais como a soja no Sul do Brasil, pode diminuir a pegada ecológica desta cultura..

Mas ainda precisamos ter a coragem de fazer as perguntas fundamentais, se este o padrão de consumo é viável para toda a planeta. China tem mais ou menos o mesmo tamanho que Brasil, mas na China vivem oito vezes mais pessoas. Não precisamos estranhar que a planta milagrosa chinesa que é a soja, neste momento está sendo transportado em grande quantidade para a China. Não é para consumo humano. Os chineses se alimentam com uma quantidade de cereais que é o dobro da Europa, mas não consomem cereais com alto teor de proteína. A soja na China também está sendo usada para a produção e carnes e a crescente necessidade de rações animais.

O comercio de soja do Rio Grande do Sul para China cresceu em 2001 para 267,8 milhões de dólar. Isto significa um crescimento de 72,39 % comparando com 2000. Santa Catarina exporta carnes de frangos e suínos para o mesmo país. Mundialmente, nos próximos anos o consumo de soja deverá crescer 57% ...

É este o modelo de Desenvolvimento Agrícola que queremos para Europa, América, Brasil, Ásia e África? Como a agricultura, a agroforestry e a natureza vão ficar se continuamos apostando na soja como ração animal? Será que não precisamos modificar a política internacional, mas também nosso comportamento de consumo?

Luc Vankrunkelsven
Coordenador de WERVEL - Bélgica
Loccum, 6 november 2002.